

ALEXANDRE SEMEDO DE OLIVEIRA

*Mesmo que
eu entregasse
o corpo às*
CHAMAS

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023

I

FUI CRIADO POR PAIS CÉTICOS. Não sou propriamente ateu, mas não me inclino a sentimentalismos religiosos. Devo, contudo, reconhecer que, às vezes, acontecem coisas que são como um aviso vindo diretamente dos céus acerca de algo importante que está para bater às nossas portas. Coisas que são como que arautos de mudanças de ciclos. E, em geral, são acontecimentos corriqueiros, mas as mudanças que sinalizam são profundas. Na quase totalidade das vezes, a carga simbólica deles passa despercebida no momento em que acontecem e somente depois, quando refletimos sobre o passado, é que as percebemos.

É isso que me ocorre agora, quando me proponho, a muito custo e sem nenhuma confiança em meu estilo, a escrever este livro. No dia em que a irmã Lúcia da Caridade me procurou, minutos antes que ela fosse anunciada pela portaria do prédio, ouvi um barulho seco vindo da sala de estar. O tempo estava fechado, e eu me enfurnei no escritório ruminando meu fracasso num debate de que participara na noite anterior. Eu revia minhas anotações e as achava patéticas. Como pude imaginar que elas chamariam a atenção de estudantes universitários? A superficialidade das notas me invadia por completo fazendo com que me sentisse um lixo de debatedor. Lembro-me até do toque das folhas já meio amassadas em meus dedos quando o baque seco de que falei fez uma onda gelada percorrer minha espinha.

A sala de estar, onde Gertrudes trabalhava mantendo ligado um aspirador barulhento e irritante, ficava ao lado do escritório. Ela vinha uma vez por semana ao meu apartamento fazer faxina. Pessoa desagradável,



mas que eu precisava aturar por falta de alternativas. Ao ouvir o barulho, já imaginei o tamanho do prejuízo que ela estava me dando naquele momento. Na sala, onde a faxina corria solta, havia apenas um objeto que ela, estabanaada como poucos seres humanos já foram, poderia ter espatifado. Um que comprei em uma das poucas viagens que já fiz ao exterior.

Preciso pensar duas mil vezes antes de encarar a poltrona de um avião. Por isso, só piso num aeroporto se estiver muito certo de que todo o sufoco e de que cada gota de suor que banharão minhas mãos quando a maldita máquina estiver subindo e descendo — ou, o que é pior, chacoalhando numa turbulência aterrorizante — valerá a pena. Numa dessas poucas vezes, decidi conhecer a Tailândia. Odiei a viagem, mas, no dia do retorno, comprei, mesmo assim, sacrificando boa parte das minhas economias, uma grande estátua de Buda, feita em argila e folheada a ouro. Trata-se daquelas imagens em que ele aparece magro — não consigo imaginar que o Buda verdadeiro fosse gordo —, sentado em posição de lótus, de olhos fechados, com uma mão espalmada para cima repousando no colo e a outra erguida como que abençoando alguma coisa. A estátua pesava trinta quilos e custou-me o coração. Tanto que, enquanto minha mão suave na decolagem do avião de volta Brasil, já experimentava uma espécie de arrependimento de comprador. Comprei-a apenas para mostrar a todos os meus conhecidos o quanto aquela viagem tinha sido maravilhosa para mim, deixando até mesmo alguns arranhões espirituais em minha alma cética. Em geral, minhas visitas, quando viam a estátua imponente na sala e ouviam as maravilhas tailandesas que eu inventava na hora, acreditavam tanto numa quanto noutra mentira. A sensação de estar tapeando alguém, embora sempre seja ligeiramente agradável, não parecia compensar a enormidade de dinheiro que joguei naquele Buda.

Mas o fato é que, com o passar do tempo, acostumei-me a vê-lo na sala. Se a viagem não arranhara em nada meu ceticismo, tê-lo ali, de olhos fechados, voltado para dentro de si mesmo e com aquela mão erguida como que a me pedir uma pausa em meus trabalhos para uma pequena



meditação, trazia-me algum conforto. Com o tempo, ganhei a firme convicção que seus lábios fechados eram, na verdade, um pequeno sorriso que me dirigia sempre que passava à sua frente. Cheguei a achar que ele gostava de mim. Às vezes, até conversava com ele. Assuntos tolos, como o gol impedido contra o Corinthians que o árbitro não anulou ou o formato arrebatador do seio que alguma atriz famosa insistia em exibir gratuitamente num filme qualquer. Não que eu achasse que justamente ele — o Buda — se importasse com gols anulados ou com seios maravilhosos. Pelo pouco que já li de sua doutrina, imagino até que ele deve ter aconselhado seus discípulos a desprezarem tanto o futebol quanto a nudez feminina. Mas, na falta de alguém com quem comentar sobre essas coisas, comentava-as com ele, que permanecia ali, sem responder, mas sorrindo para o meu comentário. Era meu único amigo de verdade, e, depois de alguns anos, finalmente tive aquela sensação recompensadora de que, mil viagens eu fizesse à Tailândia, mil vezes compraria aquela estátua.

Ao ouvir, então, aquele barulho seco eu sabia o que tinha se passado na sala ao lado. A infeliz da mulher quebrara meu Buda! Após soltar um “ai, meu Deus!” pouco convincente, Gertrudes desligou o aspirador e o silêncio que se seguiu fez com que o barulho dos caquinhos voando em todas as direções voltasse a retumbar em minha cabeça.

Respirei fundo e prometi a mim mesmo que não iria esganar a desgraçada. Levantei-me com calma, tentei me convencer de que não havia de ser nada de mais perder a estátua e fui a passos lentos até o cômodo ao lado. Gertrudes estava parada, com olhos arregalados e rosto voltado em direção à porta, aguardando minha chegada.

— Foi sem querer, seu Guilherme. Acho que o fio do aspirador enroscou nele e acabou caindo... Se o senhor quiser, eu pago.

“Você não tem como pagar, sua sonsa! E sabe disso! A estátua custa dois anos de seu trabalho. Ou mais! Mas fazer o que, né? Se eu exigir algum pagamento, é bem possível de ser acionado na Justiça do Trabalho e, além de não ganhar nada, ainda ser condenado a desembolsar alguma indenização por assédio moral!”



— Não se preocupe, dona Gertrudes — respondi com minha voz mais lenta e baixa, engolindo o pensamento que jorrou em minha cabeça. — Essas coisas acontecem. Era só uma estátua. Depois, vejo outra para substituir.

Ela sorriu aliviada e desarmou os olhos arregalados.

— Muito obrigada, seu Guilherme — respondeu com uma voz melíflua, que, dadas as circunstâncias, tornava as coisas mais amargas. — Olha, vou limpar tudo, viu? A sala vai ficar um brinco.

“Um brinco... mas sem meu Buda!”, pensei, devolvendo o sorriso e acenando com a cabeça. Bati os olhos nos milhões de cacos espalhados, tentando fixá-los em minha memória. Era o que sobrara do meu amigo! Pensei em mandar que ela, com o máximo de respeito, recolhesse tudo, como quem junta as cinzas de algum ente falecido e cremado. Talvez eu colocasse os cacos numa urna entronada em algum canto nobre da casa.

Dei meia-volta para meu escritório. E, então, o telefone tocou. Quando estou irritado, o barulho do telefone parece-me um acinte. Alguém não está sabendo respeitar minha irritação e quer se intrometer em minha tarefa de ruminar uma desgraça! Tirei o fone do gancho com rispidez.

— Alô! — disse em voz alta, deixando claro a quem tivesse do outro lado de que eu estava uma pilha de nervos por ter perdido meu Buda.

— Alô. Bom dia. É da portaria. Tem uma freira aqui querendo falar com o senhor.

— Uma freira? Tem certeza de que é comigo? Não conheço freira nenhuma.

Ouvi, então, cochichos vindos do outro lado da linha. O porteiro perguntava para a tal freira, com a mão no fone, se o Guilherme com quem ela queria falar era mesmo o do apartamento 123. Não deu para entender a resposta, mas, em segundos, o porteiro voltou a falar comigo.

— Ela disse que quer falar com o senhor Guilherme Fagundes.

— Sou eu... Olha, se for para pedir dinheiro para caridade, diga que já ajudo uma série de ONGs e que não tenho mais como bancar nada.





Novamente, o porteiro colocou a mão no fone, mas deu para ouvi-lo: “do que se trata? Leandro? Hum... Um minutinho.”

— Ela disse que não veio pedir nada. Que falar com o senhor sobre um tal Leandro “alguma coisa” Queirós.

Gelei por dentro. Com certeza, tratava-se de Leandro Callado de Queirós, e era surpreendente que o porteiro não soubesse o nome do principal escritor brasileiro desde Machado de Assis. Fiquei quieto por alguns segundos pensando qual poderia ser o interesse de uma freira naquele assunto e no porquê de ela estar me procurando. Um “e então?” vindo do porteiro tirou-me de minhas reflexões. Eu precisava dar uma resposta.

— Tem certeza de que é uma freira? — perguntei só para ganhar tempo.

— Sim. O nome dela é Irmã Lúcia “alguma coisa”.

— Diga-lhe que desço em cerca de quinze minutos. Encontro com ela aí em baixo.

Eu nunca tinha conversado com uma freira na vida e não sabia como me comportar. Devia apertar-lhe a mão? Chamar-lhe pelo nome? Olhar para ela? Pedir-lhe bênção? Caminhei pelo escritório enquanto Gertrudes ligava novamente o aspirador para sugar os cacos pequenos do meu Buda rumo ao lixo do condomínio, cantarolando alguma de suas músicas de louvor e aumentando minha irritação. Fui invadido por uma vontade imensa de fugir dali, e confesso que me fez um bem danado fechar a porta e livrar-me da papuda ao menos por um pouco. O elevador desceu calmamente os doze andares, e, ao sair no saguão do condomínio, senti como que entrando em outro mundo, onde não havia cacos de Buda nem barulho de aspirador.

A tal freira estava sentada no sofá do saguão, com o cotovelo direito apoiando o queixo, numa atitude de espera passiva. Esperei alguns segundos até dirigir-me a ela.

— Bom dia, sou o Guilherme Fagundes. É a senhora quem quer falar comigo?



Ela, num sobressalto, virou o rosto para mim e abriu um largo sorriso. Eu esperava uma velha com cabelo branco, óculos redondos pendendo na ponta do nariz e cheia de rugas. A aparência dela foi uma grata surpresa. Nada de rugas, nada de cabelo branco e nada de óculos pendendo. Ela não devia ter mais de cinquenta anos, e seu belo rosto deixava antever todo o frescor de uma juventude vivida havia não tanto tempo assim.

Ela se pôs de pé, levou a mão esquerda fechada à boca e pigarreou. Estava constrangida.

— Desculpe incomodar. Mas eu assisti ao debate do senhor ontem. É sobre isso que quero falar.

— Sobre o debate?

— Não exatamente. Quero falar mesmo é sobre o Leandro. Queria mostrar ao senhor umas coisas — respondeu, dando um toque numa maleta preta que, somente então, vi em sua mão direita.

— Ok — respondi, incendiado por uma curiosidade lancinante. — Há uma cafeteria aqui na esquina. A senhora é minha convidada.

(...)

Penso que, agora, é hora dos devidos esclarecimentos sobre o que se costumou chamar de “paradoxo de Leandro Callado”.

É comum dizer que Leandro foi o maior escritor brasileiro das últimas décadas, talvez mesmo de todos os tempos, tanto no sentido comercial quanto no artístico. Com sua série “O universo em decomposição”, alcançou o sucesso de vendas que fez dele um dos autores mais vendidos da história. Os romances ocorrem num mundo futuro, do qual toda a bondade foi geneticamente apagada da espécie humana. Só há trevas. Só há maldade. E, quanto mais alto se está na pirâmide social, menos se sofre a maldade dos de cima e mais se despeja maldade nos de baixo. É verdade que, nos livros, o protagonista Kyrill Lupemfield, senhor da cidade de Donhill, luta contra pessoas mais poderosas do que



ele para proteger seus súditos. Ele não é, contudo, exceção à maldade generalizada, pois preservá-los é essencial para que ele tenha sobre quem pisar. Cada livro é montado no esquema da “jornada do herói”, só que o protagonista, em vez de retornar da caverna com o elixir, dela retorna com um pote de veneno, no qual sacia sua alma e afoga seus inimigos.

A série se resumiria aos três primeiros volumes, mas o sucesso foi tanto que Leandro escreveu outros três, encerrando-a com o próprio apocalipse. Os livros viraram filmes de grande bilheteria e a produtora exigiu que ele escrevesse uma continuação. O leitor há de entender: são exigências do mercado. E, para cumpri-las, Callado ressuscitou do nada vários personagens e deu um destino inusitado a Kyryll, arruinando os poucos detalhes verossímeis dos primeiros volumes. Costumo dizer que foi como uma bomba atômica jogada numa cidade deserta e já destruída. Fez ruir apenas as poucas paredes ainda de pé. Estragar a série inteira, em termos de boa literatura, foi estragar coisa nenhuma. A saga apenas um sucesso de mercado, que fez a fama e a fortuna de Leandro, e nada mais do que isso.

O melhor de Leandro Callado, contudo, é a chamada “trilogia final”. Aqui, entra-se num mundo literário à parte e são esses livros derradeiros os que sempre me atraíram. Na verdade, não se trata de mera atração: não é exagero dizer que as obras roubaram minha alma. Quando contarem a história da literatura num futuro muito distante, eles serão os únicos (vou enfatizar para que o leitor, que por acaso nunca os leu, tenha uma ideia do peso literário dessa trilogia: *os únicos*) a serem considerados como literatura brasileira imorredoura e universal.

Ah... Quantas vezes não li cada um deles! A cada leitura, descubro novos contornos, novos paradoxos, novos dramas, novas facetas das personagens. Uma riqueza sem fim! Romances com personagens complexos, com enredos dramáticos.

Após essa trilogia, ele ainda escreveu um volume com doze contos, publicados apenas depois de sua morte. Os “Contos póstumos de Callado” comoveram seus leitores, mas seus críticos não chegaram a se





Contato:
semoliveira@yahoo.com.br
mmjusblog.wordpress.com
[instagram.com/alexandresemedooliveira](https://www.instagram.com/alexandresemedooliveira)





LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Dante MT
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em abril de 2023.
